

O Mar que Toca em Ti

de Inez Andrade Paes

Há uma forma de escrita luminosa. Há uma forma de escrita sombria. E eu diria que, na escrita de Inez, aquela que mais tomba é a luz do dia. A luz do dia sobre o mar. *“O mar que toca em ti”*. O grande mar Moçambicano. Tão longamente extenso é esse mar que se divide num grande e diverso número de mares parcelares. Dessas parcelas uma pertence, por herança genética, a Inez: - Wimbe.

Para a maioria de nós, praia, há só uma. Aquela que nos deu, pela primeira vez, a perspectiva duma imensidão sem fim: *“É de madrugada, fui ver e sentir o Mar. Mais vazio mas não tanto como quando era criança e podia andar até ao fundo onde não me era permitido quando o Mar enchia.”* (p.9)

Voltar. Regressar. De todos os regressos focados na literatura um há que o é por excelência. O regresso de Ulisses a Ítaca. O qual voltou para resolver definitivamente todas as contendas antigas. O objectivo do regresso da Inez é menos imperativo. É o de encontrar algumas linhas de tranquilidade que atenuem o seu estado permanente de demanda interior: *“- A senhora voltou, disse. Voltei para curar feridas antigas e levar outras. Voltei para vos ver e convosco ajudar o meu estar..”* (p.9)

Voltar. Para despertar o brilho adormecido das memórias imemoriais. Para ver. Para aperceber-se de... Para estabelecer algumas linhas de diferença entre os mundos. Para vazar numa escrita, limpa do que é excessivo, o relatório desse regresso.

Para a Inez, o centro de Moçambique e o eixo do mundo localizam-se em Pemba: *“O Mar é visto de cima, de cima do avião antes de aterrar nos campos e de cima da estrada antes de acabar junto ao Mar.*

A vontade de olhar o Mar, apressa a despedida, de um enfermeiro que conheci na viagem e que me fez ficar a saber das tantas dificuldades que a saúde enfrenta e das tantas melhorias que sofreu em tantas dificuldades.

Sentou-se a meu lado nervoso, tremendo as mãos, arrumando a pequena mala que de tanto trazer vinha com as costuras esticadas. Fazendo o avião escala na Beira, pergunto: - Vai para Pemba?” “Lá estavam à sua... e à nossa espera...hoje tenho mais um amigo em Pemba.” (p.7)

No desenrolar das suas observações a autora lembra-nos, nalgumas delas, o seguinte:

- Que é mais fácil sentirmo-nos importantes em África, que noutros lugares: *“O peso das malas foi-nos levado suavemente das mãos. Esse mesmo peso que tantas vezes carreguei pela Europa e nunca me foi tirado das mãos... estamos em África, numa África onde ainda hoje por uma moeda para o pão, nos tiram o peso das mãos...”* (p.7)

- Que os avanços na utilização de meios que nos permitem aumentar e alcançar os objectivos imediatos, podem ser um recuo definitivo na ordem imemorial da Natureza: *“Fizemos o resto da praia juntos até chegar a grupos grandes de homens que puxavam redes. Não me lembro nunca de ter ouvido ou visto esta forma de pescar no Wimbe. Os meus pés*

começaram a ser magoados por milhares de conchas partidas em pequenos pedaços.

Perguntei:

Há muito pescam assim?

Há algum tempo, senhora. É preciso trazer peixe.” (p.10)

- Que a corrupção é endémica porque faltam os valores morais mesmo àqueles que os deviam transmitir: “ – *Não passei de classe e tive muito melhores notas que outros aqui que passaram... disse levantando a voz...*

Então?

Quase em coro os outros rapazes levantando também a voz...

Senhora, ele não teve dinheiro para pagar ao professor!

Pagar? Pagar o quê?

Para passar... arrastaram a voz” .(p.11)

- Que os inocentes parecem já estar a pagar por faltas que ainda não cometeram: “*A noite tombou e desta vez morcegos reais voam de palmeira para palmeira, vultos grandes, pesados, têm mais sorte que as crianças da praia. De noite há sempre o que comer.”(p.9) “seguimos caminho vagarosamente enterrando os pés na areia mais macia e solta do que na margem do Mar.*

- Senhora tenho fome!

Uma voz pequenina e mais outra quase fazendo eco surgiram do escuro.

- Então ainda não foram para casa?”(p.17)

Que a plenitude é sempre reencontrada, nos espaços que foram nossos, nos tempos iniciais da nossa vida: “*Vegetação luxuriante e acácias tão cheias de rubro enchem-nos de flores na passagem para a casa onde nasci. Está pintada com cores diferentes mas meus olhos ainda vêem as primárias.” (p.19) -- “Relâmpagos, trovões e ventos repentinos fizeram agitar as casuarinas que minha Mãe connosco plantou. Saímos para o lado de fora do portão, trepei a um muro da escola primária em frente, para mostrar uma das flores da acácia rubra ainda por abrir.*

- Veja, jogávamos às taças com elas!

Entre pingos grossos batendo-nos com força, brevemente lhe mostrei as regras do jogo.”(p.21)

Registrar, interpretar e amplificar estas e outras fracções da realidade Moçambicana, apreendidas nas breves e fundas emoções duma viagem de regresso temporário, são as linhas que definem a tarefa cumprida pela escritora.

Testemunham a favor do acerto e do êxito do seu trabalho, a claridade diurna e a largueza marítima das palavras nele utilizadas, bem como a sua imensa ligação afectiva à terra, às gentes e ao mar Moçambicanos.

Inez Andrade Paes, O Mar Que Toca em Ti, edição de autor, 2006.

"- A senhora voltou, disse. Voltei para curar feridas antigas e levar outras. Voltei para vos ver e convosco ajudar o meu estar ..." (p.9)

Um pequeno livro, reportagem dos sentimentos de um breve Natal em Pemba, um regresso presume-se que algumas décadas decorridas - a autora pertence a conhecida família local. A casa velha que revisita, antigos amigos e seus andares de hoje. Mas o que se sente mais importante: o som da língua que lhe falta desde então, o arrastado tempo do areal. E, ainda mais, aquele mar. Enquanto isso ainda abertura, partilhando-se com as pessoas, ouvindo alguns sonhos avulsos - que outros já nem atentamos. E impressões até impressionadas com o agora. Mas impressões sem tese, nisso saudável forma de acompanhar o hoje do que lhe foi casa.

A mim, que tão breve lá fui e ainda assim me adoptei, lembrou-me a minha última vez em Pemba. Ainda a arrumar as malas no hotel e a Inês: "és diferente aqui!", "diferente? como?", "ficas como dantes". Não sei porquê!

JOSÉ PIMENTEL TEIXEIRA